

## Maio de 68 não ocorreu\*

Gilles Deleuze & Félix Guattari

Nos fenômenos históricos, como a Revolução de 1789, a Comuna, a Revolução de 1917, há sempre uma parte de *acontecimento*, irreduzível aos determinismos sociais, às séries causais. Os historiadores não gostam muito desse aspecto: eles restauram causalidades retrospectivamente. Mas o próprio acontecimento está deslocado ou em ruptura com as causalidades: é uma bifurcação, um desvio em relação às leis, um estado instável que abre um novo campo de possíveis. Prigogine falou desses estados em que, mesmo na física, as pequenas diferenças se propagam ao invés de se anularem, e em que fenômenos totalmente independentes entram em ressonância, em conjunção. Neste sentido, um acontecimento pode ser contrariado, reprimido, recuperado, traído, mas ele não deixa de comportar algo que não pode ser ultrapassado. São os renegados que dizem: isso está ultrapassado. Mas o próprio acontecimento, por mais antigo que seja, não se deixa ultrapassar: ele é abertura de possível. Ele passa para dentro dos indivíduos, tanto quanto para dentro da espessura de uma sociedade.

E isso porque os fenômenos históricos que invocamos eram acompanhados por determinismos ou causalidades, ainda que de outra natureza. Maio de 68 é da ordem de um acontecimento puro, livre de qualquer causalidade normal ou normativa. A sua história é uma “sucessão de instabilidades e de flutuações amplificadas”. Houve muitas agitações, gesticulações, falas, besteiras, ilusões em 68, mas não é isso que conta. O que conta é que foi um fenômeno de vidência, como se uma sociedade visse, de repente, o que ela tinha de intolerável, e visse também a possibilidade de outra coisa. É um fenômeno coletivo na forma de: “Um pouco de possível, senão eu sufoco...” O possível não preexiste, é criado pelo acontecimento. É uma questão de vida. O acontecimento cria uma nova existência, produz uma nova subjetividade (novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho...).

Quando uma mutação social surge, não basta extrair dela todas as consequências ou efeitos, segundo linhas de causalidade econômicas e políticas. É preciso que a

---

\* Texto originalmente publicado em *Les Nouvelles littéraires*, 3-9 maio de 1984, p. 75-76. Tradução para o português de Mariana de Toledo Barbosa, professora de Filosofia Contemporânea do Departamento de Filosofia da UFF.

sociedade seja capaz de formar agenciamentos coletivos que correspondam à nova subjetividade, de tal maneira que ela queira a mutação. Isso é uma verdadeira “reconversão”. O *New Deal* americano, a arrancada japonesa foram exemplos muito diferentes de reconversão subjetiva, com todas as espécies de ambiguidades e mesmo de estruturas reacionárias, mas também com a parte de iniciativa e de criação que constituía um novo estado social capaz de responder às exigências do acontecimento. Na França, ao contrário, depois de 68, os poderes conviveram o tempo todo com a ideia de que “a poeira baixaria”. E, com efeito, a poeira baixou, mas em condições catastróficas. Maio de 68 não foi a consequência de uma crise, nem a reação a uma crise. Foi o contrário. É a crise atual, são os impasses da crise atual na França que decorrem diretamente da incapacidade da sociedade francesa para assimilar maio de 68. A sociedade francesa mostrou uma radical impotência para operar, no nível coletivo, uma reconversão subjetiva do tipo que 68 exigia; sendo assim, como poderia operar atualmente uma reconversão econômica em condições de “esquerda”? Ela não soube *propor* nada às pessoas: nem no domínio da escola, nem no do trabalho. Tudo o que era novo foi marginalizado ou caricaturizado. Hoje se vêem as pessoas de Longwy se agarrarem ao seu aço, os produtores de laticínios, às suas vacas etc.: o que mais eles poderiam fazer, se todo agenciamento de uma nova existência, de uma nova subjetividade coletiva foi esmagado antecipadamente pela reação contra 68, quase tão forte à esquerda, quanto à direita? Nem as rádios livres ficaram de fora. A cada vez, o possível foi fechado.

Os filhos de maio de 68 podem ser encontrados espalhados por aí, ainda que eles próprios não saibam, e cada país os produza à sua maneira. A situação deles não é muito animadora. Não são jovens bem-sucedidos. São estranhamente indiferentes e, no entanto, muito informados. Deixaram de ser exigentes, ou narcisistas, mas sabem muito bem que nada responde atualmente à sua subjetividade, à sua capacidade de energia. Sabem inclusive que todas as reformas atuais vão até contra eles. Estão decididos a cuidarem da própria vida, o melhor que puderem. Preservam uma abertura, um possível. O seu retrato poético foi feito por Coppola em *O selvagem da motocicleta* [*Rumble fish*]. O ator Mickey Rourke explica: “Trata-se de um personagem que está no seu limite, no fio da navalha. Ele não é do tipo *Hell’s Angel*. Tem massa cinzenta, e ainda por cima tem bom senso. Uma mistura de cultura de rua com cultura universitária. E é esta mistura que o enloqueceu. Ele não vê nada. Sabe que não existe trabalho para ele,

porque é mais esperto do que qualquer um disposto a empregá-lo...” (*Libération*, 15 de fevereiro de 1984).

Isso pode ser dito do mundo inteiro. O que é institucionalizado, no desemprego, na aposentadoria ou na escola, são “situações de abandono”, pautadas pelo modelo da deficiência. As únicas reconversões subjetivas atuais, no nível coletivo, são as de um capitalismo selvagem à americana, ou ainda de um fundamentalismo muçulmano como no Irã, de religiões afro-americanas como no Brasil: são as figuras opostas de um novo integrista (seria preciso acrescentar aí o neo-papismo europeu). A Europa não tem nada a propor, e a França não parece ter nenhuma outra ambição, além de assumir a liderança de uma Europa americanizada e excessivamente armada, que operaria de cima a reconversão econômica necessária. O campo dos possíveis está, no entanto, em outro lugar. *No eixo Oeste-Leste*, o pacifismo, enquanto se propõe a dissolver as relações de conflito, de armamento excessivo, mas também de cumplicidade e de repartição entre os Estados Unidos e a União Soviética. *No eixo Norte-Sul*, um novo internacionalismo, que não se funde mais apenas em uma aliança com o Terceiro Mundo, mas em fenômenos de *terceiro-mundialização* nos próprios países ricos (por exemplo, a evolução das metrópoles, a degradação dos centros, o aumento de um terceiro-mundo europeu, tais como analisados por Paul Virilio). Só há solução criadora. São essas reconversões criadoras que contribuiriam para resolver a crise atual e que dariam continuidade a um maio de 68 generalizado, a uma bifurcação ou flutuação amplificadas.